



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE-FACS
CURSO: PSICOLOGIA

REPRESENTAÇÕES DO BERÇÁRIO INSTITUCIONAL DADAS PELAS MÃES SERVIDORAS

Hiderlene Rosendo da Ponte Montenegro

BRASÍLIA
JUNHO/2005

Hiderlene Rosendo da Ponte Montenegro

REPRESENTAÇÕES DO BERÇÁRIO INSTITUCIONAL DADAS PELAS MÃES SERVIDORAS

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília-UNICEUB, como um dos requisitos para a obtenção do grau de psicólogo. Prof^a Orientadora: Suzana Meira Lopes de Castro Joffily.

BRASÍLIA
JUNHO/2005

AGRADECIMENTOS:

A DEUS em primeiro lugar. Criador de todo o universo, Autor da minha vida, que me deu a oportunidade de iniciar este curso e forças para concluí - lo. Tenho certeza que sem Ele eu não estaria agora escrevendo estas palavras de agradecimentos. Porque, Dele por Ele, para Ele são todas as coisas, inclusive minha vida.

Ao meu pai Augusto Hider e minha mãe Rosilene (in memória) e aos meus avós (in memória), Maria Helena e José Rosendo , que não pouparam esforços para me educar e oferecer as condições necessárias para que eu estudasse e ser o que sou hoje.

Meu sincero agradecimento à minha orientadora e mestra, Suzana Joffily, que acreditou no meu potencial e me transmitiu conhecimentos valiosos, sempre me dando apoio e motivação.

E, em especial, ao meu marido David , companheiro de todos os momentos, pela compreensão e incentivo durante todo período da elaboração desta monografia.

DEDICATÓRIA:

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu conseguisse me formar.

RESUMO:

Estudar a representação que as mães têm do berçário em que deixam seus filhos é questão de muita importância para que se entenda o processo de separação que ocorre quando as mulheres retornam ao trabalho. Essa monografia usou como investigação a pesquisa qualitativa por que esse método ajuda na investigação dos fenômenos observados dentro das Ciências Sociais, pois possibilita maior compreensão dos aspectos ligados às motivações e demais subjetividades envolvidas no comportamento humano. Este trabalho buscou amparar-se nas teorias, sobre a relação mãe e bebê desenvolvidas por Winnicott, Bowlby e Pichon-Riviére. O berçário é uma instituição criada no século XVII, destinado a cuidar de crianças cujas mães trabalhavam fora. Em seu modelo atual, incorporou-se diversas outras funcionalidades, dentre as quais as de caráter educativo. No Brasil, o modelo ganhou foros institucionais por ocasião do processo de industrialização, implementado ao longo do século XX. Recentemente, uma instituição Governamental do Distrito Federal, atento às necessidades de suas servidoras e ao que dispõe a legislação vigente, criou o projeto PROMATER, que é o berçário destinado ao incentivo ao aleitamento dos bebês por suas mães que integram o quadro da instituição. A partir do conceito de representação social, desenvolvido por Moscovici, foram coletados dados em entrevista do tipo semi-estruturadas com quatro mães servidoras, por que este instrumento de pesquisa teve como objetivo identificar as representações envolvidas acerca do que significa o Berçário para as mães servidoras. O método utilizado para a análise dos dados foi o hermenêutico-dialético desenvolvido por Minayo, a qual, baseada na metodologia desenvolvida por Habermas, preconiza que, para a análise e interpretação, um único e mesmo movimento, que integra a atividade de conhecimento dos dados coletados, constituindo-se, essa metodologia, num conjunto de técnicas que possibilitam maior compreensão da realidade através da participação ativa do pesquisador. Ao final, pôde-se constatar que as representações dadas pelas mães sobre elas mesmas influenciam aquelas que constroem sobre o berçário. O fato de ser o berçário o instrumento que leva a cabo a separação da mãe e do seu bebê, gerando sofrimento para ambos, alimenta na mãe sentimentos ambíguos e pensamentos confusos. Dessa forma, pode-se perceber que no início do processo da relação mãe-berçário é construídas algumas representações de caráter negativos geradas pelos próprios sentimentos de medos e inseguranças das mães, além de serem decorrentes, também, da possibilidade do enfraquecimento do vínculo existente entre a relação mãe e bebê. Logo depois, percebe-se que outras representações foram se construindo a partir do grau de segurança das mães em relação ao berçário.

Palavras-chaves: berçário, instituição, mães, bebês, representações.

SUMÁRIO

RESUMO	
INTRODUÇÃO	04
CAPÍTULO 1- VÍNCULO MÃE-FILHO: O BEBÊ E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL	06
1.1 A teoria de Winnicott	06
1.2 A teoria de Bowlby	09
1.3 Teoria de Pichon Rivière	14
CAPÍTULO 2 - A INSTITUIÇÃO DO BERÇÁRIO: HISTÓRICO E MODELO ATUAL	17
2.1 Berçário no Brasil	17
2.2 Berçário em instituições e o berçário PROMATER	19
CAPÍTULO 3 - PSICOLOGIA SOCIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES	23
3.1 Representação Social	24
3.2 Objetivos	27
3.3 Questões de Pesquisa	27
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	28
4.1 A pesquisa qualitativa como método em Psicologia Social	28
4.2 Instrumento de pesquisa	28
4.3 Material	28
4.4 Sujeitos	28
4.5 Contextos	29
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
5.1 Metodologia de Análise	30
5.2 Representações identificadas	31
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
CAPÍTULO 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. VÍNCULO MÃE-FILHO: O BEBÊ E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

1.1 A teoria de Winnicott

A teoria de Winnicott (1989-1999) dá uma grande contribuição para o estudo psicológico dos bebês, sustentando que o ser humano, nessa fase, já começa a ser visto como um ser ativo, em relação com um adulto, e, assim, essencialmente social. Ele afirma que a mãe detém um papel importante na estruturação do desenvolvimento psíquico do bebê quando propicia a construção de dependência e identificação para com o seu filho.

São estabelecidos dois tipos de identificação: uma da mãe com seu filho; e, outra, do filho com a mãe. Isso ocorre devido à mútua dependência que se estabelece nos primeiros momentos dessa relação. É a partir daí que a mãe transmite para o bebê o potencial para desenvolver um *self* estruturado e, conseqüentemente um ego estruturado ou forte, sendo que toda essa construção depende do apoio estruturado ou inadequado do suporte egoíco mãe, o qual, em condição idêntica (forte ou fraco), irá ser desenvolvido nessa relação.

Para Winnicott (1989-1999), o *self* significa o senso de existir de cada um ou a forma de ser expressa pelo indivíduo ou não. O ego é a parte do aparelho psíquico que está em contato com a realidade externa, que se desenvolve a partir do id e se diferencia dele no primeiro ano de vida, através da tomada de consciência de sua própria identidade a partir do processo de construção desta pelo *self*. O ego vai garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade. O autor admite que a força do ego é a característica principal de um indivíduo saudável.

Segundo Winnicott (1989-1999), ao nascer, a criança é uma unidade que vai integrando uma personalidade. Isso ocorre em torno do primeiro ano de vida. Ele ressalta a importância da integração da mãe com o bebê para as experiências afetivas deste, as quais o marcarão pelo resto de sua vida, manifestando-se ao longo de sua existência. A partir disso, vê-se como uma mãe “suficientemente boa” aquela que é amparada por toda uma rede de vínculos afetivos que perpassa suas relações na família e na sociedade, formando a construção de um “ambiente facilitador”, sentido-se amada e segura para desempenhar a função de mãe, e assim se torna capaz de

fornecer um melhor holding para o seu filho. A falha do “ambiente” , na fase inicial do desenvolvimento, pode vir a perturbar os processos de maturação, barrando o crescimento emocional da criança. Winnicott (1989-1999), enfatiza que não somente os pais são responsáveis pelo ambiente facilitador, mas a sociedade também, como afirma, quando:

.... não é somente a sociedade que depende e contribui para a saúde dos seus membros para ser saudável, mas que também seus padrões são uma duplicação dos padrões daqueles que a compõem. Dessa forma, a democracia (em um dos significados da palavra) é uma indicação de saúde porque ela se origina, de modo natural, da família que é em si mesma um constructo pelo qual os indivíduos saudáveis são responsáveis. (p.22)

Nesse sentido, a mãe que se classifica como boa, ou seja, que pode proporcionar um adequado desenvolvimento emocional ao seu bebê, é aquela que possui a capacidade de estimular o bebê segurando-o, tocando-o e apresentando a ele os objetos, ou seja estabelecendo um *holding*.

O analista defende que o ato de segurar o bebê está relacionado ao sentimento de identificação que a mãe transmite para o seu filho e ao mesmo tempo a segurança necessária ao seu desenvolvimento. Já o ato do toque facilita a construção daquilo que é real e imaginário para a criança e, também, ajuda no desenvolvimento do tônus muscular e na sua experiência corporal. E, por último, a apresentação dos objetos no início deste contato, ao qual o autor atribui ser essencial para que a criança possa ser capaz de se relacionar com o mundo e com objetos reais.

O amadurecimento emocional do indivíduo depende, assim, desses estímulos e, principalmente, do estabelecimento de um bom *holding* entre a mãe e o bebê. Trata-se, pois, da criação de vínculo próximo de proteção e cuidado constantes por parte da mãe em relação ao seu filho. Nas palavras de Winnicott:

.... um holdinding deficiente produz extrema aflição na criança, sendo fonte de sensação de despedaçamento, da sensação de estar caindo num poço sem fundo, de um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno, e de outras ansiedades que são geralmente classificadas como psicóticas”. (Winnicott, 2001, p. 3).

Dessa forma o autor considera que a saúde do grupo social depende da saúde, primeiramente, individual. Ressalta que, caso o desenvolvimento não seja sadio, ou seja, caso não haja um ambiente adequado que possibilite ocorrer toda integração dos

estágios do desenvolvimento da personalidade formulados por Freud e não haja, também, a construção da noção “de ser” real do indivíduo, o ser se tornará desintegrado podendo ocorrer distorções entre a realidade, fantasia e as relações objetais. A consequência dessa “impossibilidade ambiental saudável ” é a construção de um “falso self” , e conseqüentemente, a presença de um forte estimulante para desencadear a doença psíquica.

Tem, assim, a mãe um papel fundamental para o crescimento psíquico do filho, operando como barreira ou um tipo de isolamento primário necessário a que o bebê possa desenvolver-se com segurança e completude. Essa relação materna é que servirá, então, de alicerce para o mundo externo.

Nesse sentido, a independência do ser surge a partir da dependência necessária e natural dos primeiros meses e anos de vida. Sendo assim, é possível concluir que é nessa relação de dependência que a criança se descobre como um outro ser diferente da sua mãe, ou seja, para que se sinta confiante e amadurecida a criança deve ser objeto de atenção especial de sua mãe, sobretudo no que se refere aos cuidados com suas necessidades fisiológicas, afetivas e de segurança nos primeiros estágios de vida.

Considerando-se tais colocações, é fundamental que, em instituições do tipo berçário, existam programas ou rotinas que possibilitem o adequado desenrolar dessa dependência, devendo, inclusive, ser condição para que as crianças sejam aceitas e cuidadas. Geralmente, tal vínculo é mantido a partir de programas de incentivo ao aleitamento materno, o qual se impõe às mães cujos filhos são deixados na instituição.

O desenvolvimento emocional, para Winnicott, não se relaciona com fatores herdados ou biológicos, mas atribui o eventual fracasso desse desenvolvimento são atribuídos aos fatores relacionais e ambientais, que são apresentados pela mãe e por elas são desenvolvidas, Segundo Winnicott, a única herança do sujeito e envolvem é o potencial inato para o amadurecimento. O mesmo advoga que o alicerce da saúde mental do bebê e do futuro adulto está inteiramente relacionado, na visão do estudioso, aos cuidados dispensados à criança por uma mãe suficientemente boa, nos primórdios da infância, conforme já mencionado.

Contudo, com relação ao aspecto social e o desenvolvimento na infância, o autor afirma que a conduta anti-social da criança é relacionada ao grau de privação e interação da mãe com a criança na primeira infância. Fazendo-se um paralelo para o ambiente do berçário institucional foco de estudo desse trabalho, esse tempo de privação é reduzido, tendo em vista que a aproximação física facilita a aproximação do contato.

E tais aproximações são fundamentais para que, no processo de adaptação do bebê ao berçário, seja facilitada a mediação necessária a que a criança se vincule aos seus novos cuidadores (as mães substitutas, que, na visão de Winnicott, são as pessoas que proporcionam um bom holding, além da mãe, mas que comparecem por um período de tempo relativamente curto). Para que se apresente a figura da mãe substituta são necessárias a constância e a freqüência do contato singular e próximo nos primeiros anos de vida, razão pela qual essa figura não se afirma no ambiente institucional de berçários.

1.2 A teoria de Bowlby

Jonh Bowlby (1981-2001) foi um renomado psiquiatra e psicanalista inglês, que desenvolveu várias teorias fundamentais para o estudo do vínculo mãe e filho, os efeitos psicológicos envolvidos e o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Para ele, o indivíduo tende a nascer com potencial inato de estabelecer ligações afetivas (apego) com um sujeito específico de maior contato (figura de apego). A Teoria de Apego, traz a compreensão sobre a importância do vínculo da criança à sua mãe, e demonstra que os comportamentos de apego ocorrem em termos objetivos (relações com objetos de apego), Apego é uma expressão usada tanto pelo senso comum quanto nos meios acadêmicos. Para Bowlby, é um laço relativamente duradouro que se estabelece com um parceiro. O Apego é uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica e seu aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança. Cabe lembrar que tanto o vínculo afetivo como o apego são estados internos. Os comportamentos de apego, por sua vez, são observáveis e organizados nas interações dos bebês com seus respectivos cuidadores(figura de apego e figura subsidiária de apego), permitindo que a criança consiga ter e manter a proximidade.

Assim, o apego para Bowlby (1969/1990) é uma necessidade básica primária, essencial para a sobrevivência do indivíduo, sendo integrado por um conjunto de comportamentos específicos voltados para alcançar a segurança. O ser humano tem a capacidade de modificar-se e adaptar-se ao meio ambiente, essa habilidade é variável conforme a cultura. Nesse contexto, o autor fala da criança que busca proximidade com uma figura materna, que tem como função principal a proteção, para que a mesma não se envolva em atividades que possam abalar sua integridade física e emocional. É esse mesmo envolvimento de apego que faz com que a figura materna dispense os cuidados e proteção necessária para a sobrevivência de seu bebê. Para o teórico, o contato estreito e constante é imprescindível para a condição de apego, pois é através das interações sociais insubstituíveis que ocorrem na prática da amamentação, trocas de fraldas, brincadeiras, banhos diários, enfim, contatos que são rotineiros entre a mãe e o bebê, são esses contatos que o apego se desenvolve.

O comportamento de apego, segundo Bowlby (1969-1990), costuma apresentar três características distintas e universais: a primeira é a busca constante de proximidade com seu objeto de ligação, podendo tolerar afastamentos temporários; a segunda é o comportamento de busca do objeto de ligação com certa previsibilidade, segundo o padrão de confiança já mantido anteriormente; e a terceira é o comportamento de reação e protesto pela separação ou perda e a conseqüente busca de recuperação da figura de apego.

O sentimento e a expressão demonstrada como apego, segundo o estudioso, não é apresentado pelo bebê nos primeiros meses, porém, condições favoráveis de interação social com a figura materna e o desenvolvimento cognitivo dão possibilidade para que o bebê demonstre esse apego no segundo semestre de vida. Durante esse período(primeiro ano de vida, mais propriamente, no segundo semestre), a mãe e o bebê vão desenvolver, de forma gradativa, um padrão de relação que, de forma saudável, se desenvolve como um profundo apego da mãe pelo bebê e na forma de comportamento de apego fortemente estabelecido do bebê por sua mãe. A demonstração de apego por parte da mãe é importante para a expressão do comportamento de apego exibido pela criança, pois um comportamento influencia diretamente o outro. No entanto, o teórico defende que o cuidador primário recebe

destaque inicial na medida que o apego irá se formar a partir da relação com essa figura, ou seja, em torno desta relação especial entre a mãe e o bebê, desenvolvessem-se ainda outras relações de apego do bebê, a partir da figura principal de apego que para Bowlby, são as figuras Subsidiárias de Apego. Deve-se registrar que para Bowlby (1990), as crianças também demonstram apego para outras figuras que podem desempenhar de forma freqüente e intensa nos primeiros anos de vida do indivíduo a relação de apego, essas figuras vão se expandindo e se transformando ao longo dos anos da infância, adolescência e vida adulta. Este tipo especial de vínculos se estabelecem ao longo da vida do indivíduo, porém de forma diferente e com características especiais decorrentes de cada fase das etapas do desenvolvimento humano.(BOWLBY, 1969-1990)

É importante, ainda acrescentar que, apesar do autor considerar muito necessária a relação de apego entre a mãe e a criança em seus primeiros anos de vida, ele defende que, quando existir uma separação entre os dois, a criança deve ser deixada por alguém que a mãe tenha afinidade e por quem o bebê possa conhecer. A separação deve passar por um período de transição, onde a mãe e a mãe subsidiária irão cuidar juntos da criança com a finalidade da mãe subsidiária conhecer os gostos, as preferências e toda intimidade da “relação mãe-filho” que pode ser transmitida para ela. Nesse período, o bebê, naturalmente, demonstrará, manifestações e expressões corporais de desconforto e sofrimento pelo distanciamento de sua mãe, devendo passar por períodos de adaptação, onde a participação da figura de apego e as figuras subsidiárias se mostram ativas nesse processo.(BOWLBY, 1969-1990)

Em se tratando de berçário, a participação prática da mãe em relação aos cuidados com o bebê nos seus primeiros dias na instituição é, assim, de capital importância para a adaptação da criança e à formação do vínculo com as cuidadoras. O autor acrescenta, ainda dentro dessa relação, os seguintes aspectos da relação mãe-substituta, mãe e criança:

... A mãe substituta deve estar ciente de que a criança sentirá a falta da mãe, especialmente na hora de dormir, e, também, ficará mais dependente, exigindo mais sua atenção do que outras crianças na sua idade...(BOWLBY, 1981-2001, p. 9)

Defende, pois, que esse comportamento de apego depende da qualidade e intensidade dos cuidados maternos dispensados ao bebê e das iniciativas de interação exibidas por este.

Menciona que

... existe um equilíbrio dinâmico entre os membros do par mãe e filho. Apesar de muito comportamento irrelevante de cada um e , de algum comportamento competitivo ou incompatível , ou contrário, a distância entre eles é, em regra, mantida dentro de certos limites estáveis. (BOWLBY, 1969-1990, p. 253)

Ainda nesse contexto, Bowlby conceitua que quando existe a ausência dessa rica e complexa relação materna, seja ou não na presença física da mãe ou da mãe substituta, existe a “privação da mãe”. A privação pode se dar de forma parcial, quase total e total. A privação parcial é quando a criança é afastada da mãe e da relação de apego, porém ocorre a transferência da relação amorosa ou essa relação é “alimentada” por um cuidador. A quase total é a separação da mãe e da relação de apego onde por consequência também ocorre a privação desta, porém a criança não dispõe de um cuidador específico para que ocorra uma relação pessoal, amorosa e profunda. Já a “privação total” refere-se à separação total dessa relação materna e da relação de apego. Bowlby demonstra em seus estudos, principalmente, os efeitos psicológicos dessa privação. Como pode ser verificado em suas palavras:

Os efeitos perniciosos da privação variam de acordo com seu grau. A privação parcial traz consigo a angústia, uma exagerada necessidade de amor, fortes sentimentos de vingança e, em consequência , culpa e depressão. Uma criança bem pequena, ainda imatura de mente e corpo pode lidar bem com todas estas emoções e impulsos. A forma pela qual ela reage a estas perturbações em sua vida interior poderá resultar em distúrbios nervosos e numa personalidade instável. (Bowlby, 1981-2001, p. 5)

Bowlby, observa que os efeitos de um inadequado cuidado materno, nos primeiros dois anos de vida, causam danos irreversíveis para personalidade do bebê. Nesse sentido, citamos a seguinte passagem:

...O meu plano é fornecer aqui uma descrição dos progressos recentes numa linha de investigação- aquela que se propõe compreender o efeito que a perda dos cuidados maternos nos primeiros anos da infância tem sobre o desenvolvimento da personalidade. Nos últimos vinte anos, acumularam-se muitas provas que indicam a existência de uma relação causal entre a

perda dos cuidados maternos nos primeiros anos de vida e o desenvolvimento da personalidade perturbada (Bowlby, 1951). Muitos desvios comuns parecem resultar de uma experiência desse gênero- desde a formação do caráter delinqüente até uma personalidade propensa aos estados de ansiedade e à doença depressiva. (Bowlby 1981-2001, p. 68)

Porém, cabe lembrar que esses danos graves de desajuste da personalidade estão mais relacionados com os efeitos da privação total, variando, assim, conforme a natureza, duração, gravidade e circunstâncias em que ocorreu essa privação, situação que, a princípio, não se daria em berçários institucionais, já que a privação relacional mãe-bebê ocorre de forma, apenas, parcial, posto que, além de se dar por período exíguo de tempo, o apego é alimentado pelas figuras subsidiárias ali existentes.

Bowlby (1969-1990) divide em quatro etapas os processos de desenvolvimento do apego de acordo com a idade cronológica da criança:

Na primeira etapa, que se processa em torno da primeira até décima segunda semana, a qual se denomina de “orientação e sinais com discriminação limitada de figura”, o bebê não consegue diferenciar a mãe de outras pessoas, por que não consegue discriminar ainda a sua figura de apego. A segunda etapa se dá em torno da décima segunda semana até os seis meses de vida e é chamada de “orientação e sinais dirigidas para a figura discriminada”, que ocorre quando o bebê passa a reconhecer a mãe e demonstra, claramente, a preferência por pessoas conhecidas, passando a dirigir sinais a essas pessoas. Já na terceira etapa, em torno de seis meses até os três anos, existe a fase de manutenção da proximidade com uma figura discriminada, ou seja, é o momento que a mãe é utilizada como mediadora para as suas explorações com o meio que o cerca, e, nesse período, já costuma manifestar descontentamento em caso de separação e demonstra alegria nos reencontros. Na quarta e última etapa, em torno de três anos até o resto da vida, os comportamentos da criança se tornam mais flexíveis e o mesmo é capaz de discernir os sentimentos através das expressões da mãe, adequando seus comportamentos aos comportamentos maternos. Ambos os membros dessa díade modificam e adequam seus comportamentos em função do outro na relação. Esse comportamento é chamado por Bowlby de “parceria corrigida para a meta”, que é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, pois ela, fortemente estabelecida no início da vida indivíduo, propiciará a

realização do apego na forma de sentimentos de segurança de si mesmo e confiança suficiente para o desenvolvimento da auto-imagem positiva e para desenvolver relacionamentos pessoais íntimos e gratificantes.(BOWLBY, 1969-1990)

Observe-se, porém, que, atualmente, a separação cronológica rígida proposta por Bowlby não se ajusta aos padrões de hoje, tendo em vista os avanços da sociedade na área tecnológica, os quais influenciam diretamente a educação dos pais ou responsáveis e o comportamento das crianças.

Vale lembrar que o desenvolvimento dessa auto-imagem positiva vai depender da sensibilidade da mãe para corresponder e manter o contato com a figura de apego, na medida em que ela se esforça em suprir as necessidades de carinhos (contato físico), cuidados com alimentação, higiene e necessidades sociais, nesse último caso como mediadora e condutora para o mundo externo. Por fim, a criança que tem em sua experiência um modelo seguro de apego, vai desenvolver expectativas positivas em relação ao mundo, acreditando na possibilidade de satisfação de suas necessidades.

1.3 Teoria de Pichon Riviére

Pichon-Riviére é um dos grandes representantes e divulgadores da Psiquiatria Social, que é uma disciplina que tem por objeto de investigação as relações interpessoais e seus efeitos psicopatológicos nos indivíduos, denominando-se psiquiatria do vínculo ou psicossocial. O mesmo tenta integrar a partir dos estudos da psicanálise a investigação desta com a pesquisa social. Conforme afirma o teórico:

A psiquiatria atual é uma psiquiatria social, no sentido de que não se pode pensar em uma distinção entre indivíduo e sociedade. É uma abstração, um reducionismo que não podemos aceitar porque temos a sociedade dentro de nós. Nossos pensamentos, nossas idéias, nosso contexto geral é, na realidade, uma representação particular e individual de como captamos o mundo de acordo com uma fórmula pessoal, de acordo com nossa história pessoal e de acordo com o modo pelo qual esse meio atua sobre nós e nós sobre ele. (Pichon-Riviére, 1977-1998, p. 43).

O vínculo para Pichon-Riviére (1977-1998) é definido como:

(...)uma relação particular tem como consequência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, formando um pattern, uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto. Desse

modo, temos dois campos psicológicos no vínculo: um interno e outro externo.(...) .(p. 17)

Então , para melhor esclarecimento, o vínculo seria um fenômeno dinâmico e em movimento para cada relação de um sujeito com o seu objeto, tendo estruturas características do movimento e de sua dinâmica, padrão de normalidade, e as alterações desse dinamismo consideradas como patológicas. Para o pesquisador, as doenças mentais são centradas no estudo das relações interpessoais.

Dentro desse contexto, pode-se dizer que existem duas realidades estabelecidas pelo sujeito em se relacionar com os objetos, uma através de realidades interna e externa.Com isso, os vínculos são integrados dentro dessas realidades e de acordo com objetos internos e externos, constituindo vínculos internos e externos, porém isso se integra em um processo contínuo e dialético. O analista, ainda, defende que existe uma íntima relação de vincular-se com a dinâmica psíquica da Psicanálise (Ego, Superego e Id) , quando afirma que o vínculo reflete, claramente, a predominância desta ou daquela instância psíquica do aparelho psíquico.

Pichon-Revière (1977-1998) ressalta que a formação do vínculo no indivíduo adulto se dá a partir de uma livre escolha do objeto vinculado, porém no caso da relação mãe e bebê esse vínculo se forma de maneira dependente, pois o objeto do vínculo não necessariamente é escolhido.

O estudioso salienta que esse vínculo entre mãe e bebê, o qual se forma desde o período da vida intra-uterina, é estabelecido de maneira muito íntima e com características simbióticas e parasitárias e que resulta em dificuldades para o reconhecimento daquilo que é seu (sujeito) e do que faz parte do objeto. Em casos extremos, esse relação pode evoluir para uma constante relação simbiótica, caso a diferenciação entre o objeto e o sujeito não se torne diferenciado. Acrescenta, ainda, que podem ocorrer transtornos de personalidade do bebê no decorrer do processo de separação desse vínculo, caso a diferenciação do sujeito e objeto não se estabelece ou caso essa diferenciação seja realizada de forma brusca.

Desse modo, considerando-se a definição de vínculo como uma relação particular com o objeto, pode-se concluir, segundo o psiquiatra, que nessa relação surge como efeito um padrão previsível de conduta frente ao objeto, tanto no que diz respeito às relações caracterizadas por vínculos interno quanto externo. A Psicanálise

ao estudar as relações de objeto indica, como material de trabalho e fonte permanente de observação, a forma particular com que o indivíduo se relaciona com o outro e com os outros. Essas relações, por sua vez, criam uma estrutura que é particular para cada indivíduo em cada momento. A esta estrutura dinâmica e em contínuo movimento (vínculo) inclui um sujeito e um objeto em mútua inter-relação com os processos de comunicação e aprendizagem.

O psiquiatra afirma que a personalidade é resultado do estabelecimento da relação particular com um objeto imaginário ou real ou através de um compartilhamento desse objeto por um grupo de uma maneira, também, particular.

2. A INSTITUIÇÃO DO BERÇÁRIO: HISTÓRICO E MODELO ATUAL

Conforme a pedagoga Drouet (1990) acredita-se que os primeiros berçários surgiram no final do século XVII na Europa, com o intuito de guardar e cuidar os filhos das mulheres que estavam começando a trabalhar na fábricas devido a Revolução Industrial e assim foi se estendendo até os dias atuais. Outro fator que se deve ressaltar é que a multiplicação de creches e berçários se estendeu em grande quantidade, também, devido a Primeira Guerra Mundial, onde era essencial a mão de obra feminina já que os homens estavam alistados e ausentes. Os berçários naquela época era um espaço dentro da casa de uma mulher que era denominada de guardiã, ou seja essa pessoa não trabalhava fora de casa e era ela que dava alimentação, higienizava, dava atenção a vários bebês da redondeza. Até hoje, Drouet (1990) afirma que essa forma ainda é muito utilizada no mundo todo.

Então, por volta de 1840 surgiram às primeiras organizações, localizadas na França, destinadas a cuidar dos filhos de trabalhadores com a idade de zero a cinco anos, eram as chamadas “Creches”, que significa berço em francês, conseqüentemente, dessas instituições ganharam sucesso por toda a Europa e na América. Vale ressaltar que a partir do desenvolvimento dessas instituições e, da separação por um período de tempo dos bebês de suas mães e de fatores históricos como guerras, desenvolvimento industrial exacerbado com a exploração da mão de obra humana, foi que começou o movimento da sociedade em se discutir a respeito da saúde mental, psicológica e emocional do ser humano. (Drouet, 1990)

Jackson (1940 em Rego 2002), com o propósito de humanizar o nascimento trazendo o bebê para junto de sua mãe e promover o aleitamento materno, criou um experimento conhecido como “projeto alojamento conjunto”. Ela assumiu o pressuposto de que o investimento afetivo da mãe para com o bebê elevaria a autoconfiança materna e seria o primeiro passo para o crescimento e desenvolvimento sadio da criança, incluindo seu desenvolvimento emocional.

Esta experiência “pioneira” demonstrou que as mães preferiam que seus filhos permanecessem ao seu lado, que os recém-nascidos que estavam com suas mães choravam menos e que a presença de outras mães no mesmo ambiente era um vantajoso aliado para a troca de informação entre elas, segundo resume Rego(2002).

2.1 Berçário no Brasil

No Brasil, Rego(2002) ressalta que os berçários ganharam mais força com a transição paradigmática sócio- político industrializado mundial espalhado na época da expansão industrial. Tendo em vista essa transição, as mulheres começaram a trabalhar nas indústrias e começaram a deixar de trabalhar, exclusivamente, seus serviços maternos e domésticos. Porém para produzir em fábricas e estabelecer uma função dentro do mercado de trabalho era exigida cada vez mais das mulheres. Elas começaram a necessitar de alojamentos onde pudessem deixar seus bebês enquanto prestavam sua mão-de-obra industrial.

Em face de todo o movimento em prol da saúde psicológica, mental, física e, ainda, dos direitos trabalhistas decorrentes dos anos pós-guerra, os pesquisadores e estudiosos das ciências Humanas e Sociais se preocuparam com a questão da saúde da mulher e da criança, mormente com a baixa taxa de natalidade ocorrida nesse período. Rego (2002) comenta que no início dos anos 80, seguindo as determinações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) , preocupados com a elevada taxa de desmame precoce no Brasil, decidiram enfrentar o problema com uma extensa campanha de incentivo ao aleitamento materno veiculada pela mídia. A campanha foi iniciada em março de 1981, e durou até dezembro de 1986, com períodos de maior ou menor intensidade. O resultado foi a criação do Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno, que baseava sua estratégia na divulgação da informação através da imprensa falada, fornecendo informações recentes sobre o assunto para os profissionais de saúde da área materno-infantil. Faziam parte do programa o estímulo à pesquisa, seminários e encontros sobre o aleitamento materno, capacitação dos profissionais de saúde, inclusão de informações sobre os benefícios do aleitamento materno no currículo do primeiro grau, implementação do alojamento conjunto nos hospitais, preparação do código de comercialização dos substitutos do leite materno baseados no código internacional de marketing dos substitutos do leite materno proposto pela OMS/UNICEF, discussão de leis de proteção dos direitos da mulher durante a gravidez e lactação, incentivo na formação de grupos de mães e esforços para aumentar a consciência da população sobre as conseqüências do desmame precoce.

Com a criação do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), em 1981, intensificou-se a constatação do papel dificultado dos serviços de saúde sobre a prática de amamentar. A separação imposta às mães e aos bebês logo após o nascimento, com a permanência dos recém-nascidos em berçários nos hospitais, prejudicava o início e a duração do aleitamento materno. Além disso, a participação da mãe nos cuidados do bebê e o necessário contato afetivo entre ambos eram impedidos pelos rígidos espaços de tempo impostos pelas maternidades nas instituições hospitalares. Com o decorrer do tempo, tendo em vista a importância dessa aproximação mãe e bebê observado nas instituições hospitalares, outras instituições, não apenas da área hospitalar, foram se sensibilizando para o estímulo do vínculo mãe e bebê durante, pelo menos nos primeiros meses de vida.

2.2 Berçário em instituições e o berçário PRO-MATER

No tocante deste assunto, começou a ser estabelecido, em algumas instituições organizacionais públicas e privadas, a construção de berçários, e toda condição necessária, para haver estímulo ao aleitamento materno e ao convívio mãe-bebê com o objetivo acima proposto. A partir do alastramento da construção de berçários pelo crescimento da mão de obra feminina nas indústrias e organizações, a sociedade voltou-se com mais intensidade em estudos e pesquisas do desenvolvimento infantil. Paralelamente, também em decorrência da dupla jornada de trabalho da mulher no seu lar e nas indústrias, foram construídas creches públicas e particulares. Essas creches tiveram que desenvolver leis específicas para o funcionamento, passando a receber inspeções periódicas e controladas pelo Ministério da Educação. Esse projeto teve como ser amparado legalmente, na Constituição Brasileira em 1947, quando prevê a criação de creches junto a empresas as quais empreguem mulheres com crianças pequenas ou que estejam gestantes. Tal dispositivo foi reforçado na Constituição de 1988, a qual, contemplam-se, também convênios das empresas com creches particulares ou a construção dessas perto do ambiente de trabalho, assim como, a construção de creches públicas convênio pelo Estados e Municípios, no sentido de atender a comunidade carente. (Drouet, 1990)

Inicialmente, as pessoas que trabalhavam nesse tipo de instituição, principalmente, quando nela eram atendidas crianças de baixa renda, em sua maioria as creches eram constituídas e coordenadas por voluntários e a obra adquiria caráter beneficente. Atualmente, o trabalho é executado por pessoal remunerado, especializado ou treinado, as crianças são divididas em grupos etários e atendidas através de modernas técnicas pedagógicas onde também, se encontra o trabalho multidisciplinar de profissionais ligado à saúde e a educação como: psicólogos ou psicopedagogo, nutricionistas, pediatras, educadores, pedagogos.(Drouet, 1990)

No caso do Berçário PROMATER (contexto social de investigação da pesquisa), existe uma intensa participação multidisciplinar desses profissionais, onde são realizadas as atividades pedagógicas de estimulação dirigida na área *sensorimotor*, segundo denomina Piaget (1927 citado em Drouet 1990), que significa oferecer estímulos que tornam a ser conhecidos e explorados pelo bebê através dos sentidos (audição, olfato, visão e tato), estimular os movimentos (manipular os objetos, pegar, provar, morder, repetir ações e outras ações comandadas pelos reflexos) e a linguagem (balbucios, imitar ruídos, desenvolve-se pelas mímicas, imitando gestos de adultos). Já na área da psicologia, são realizadas observações dos comportamentos do bebê frente a várias situações e sua interação do vínculo mãe e filho, assim como todos os efeitos dessas interações ambientais e relacionais. Também é realizado, na área da Pediatria exame mensal de Puericultura individual para cada bebê e avaliação desse exame pela médica, assim como a devolução aos pais. No campo da nutrição, é realizados semanalmente um cardápio individual para cada bebê, depois dos seis meses e adequado para que eles possam ter um adequado desenvolvimento nutricional, sem prejudicar a o processo de amamentação.

Um órgão governamental, cujo berçário é denominado de PRO-MATER, que se localiza em Brasília (DF), propôs a instalação do Berçário institucional no próprio local de trabalho das mães servidoras, através da Portaria (nº 93 de 10 de Março de 2004).

Esse berçário é constituído de uma equipe multidisciplinar que é composta de: Educadora, Psicóloga, Pedagoga, Recepcionista, Auxiliar de Educação Infantil (Berçaristas) e Cozinheira e Copeira. O berçário abrigará os bebês durante o

período de expediente das mães, as quais terão acesso a visualização direta dos seus bebês por meio de câmeras de vídeo ligada a cada computador das servidoras, ligada pela rede local.

O berçário tem como finalidade institucional , melhorar a qualidade de vida do indivíduo em sua completude visando que esse momento de vida da mulher se torna essencial para o adequado desenvolvimento afetivo e social de um novo indivíduo, assim como aumentar a motivação e satisfação no trabalho pelo reconhecimento social de ser mãe e toda importância que esse reconhecimento causa como aumento de produtividade, pois a sociedade também se torna responsável em estimular este desenvolvimento, esse órgão partindo dessa consciência de assistência a mãe Nutriz estabelece como objetivos do PROMATER:

Art 1º Fica instituído no (...) o Programa de Assistência à Mãe Nutriz- Promater, destinado a:

I - Incentivar e possibilitar o aleitamento materno durante o primeiro ano de vida da criança;

II - Promover a integração da mãe com a criança;

III - Oferecer oportunidade e estímulo para o pleno, natural, seguro e feliz desenvolvimento socioafetivo da criança e a satisfação da mãe; (Portaria nº 93)

No tocante desse trabalho é importante acrescentar que dentro do item justificativa da proposta Psicopedagógica formulada pelo projeto PRO-MATER é considerada algumas justificativas ligadas para a importância da construção e manutenção do berçário, tais qual:

Justificativa:

Com a finalidade de evitar a angústia causada pela separação entre mãe e filho, o (...) oferece às mães servidoras que retornam ao trabalho;

Mais tempo de convivência com seus bebês;

Espaço para o incentivo ao aleitamento materno;

Como consequência, o retorno da servidora ao trabalho será mais tranquilo; (Proposta Psicopedagógica do PROMATER)

Sendo assim, pode-se perceber que é admitido pela instituição a existência de angústia na separação da mãe lactente e o bebê, sendo prejudicial não apenas ao seu ambiente de trabalho como em todos aspectos de sua vida naquele momento.

Com isso é importante salientar a consciência participativa da sociedade, dentro desse projeto, na medida que se torna fundamental na relação visivelmente

clara da responsabilidade e a participação social tendo como foco principal a idéia da construção do ser como produto essencialmente social.

3. PSICOLOGIA SOCIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A abordagem desenvolvida no enfoque da Psicologia Social procura articular os fenômenos sociológicos com os psicológicos. Sendo assim, pode-se afirmar que as estruturas psicológicas estão intimamente relacionadas às dinâmicas de grupo às organizações sociais.

Tendo em vista que o berçário tem por usuários pessoas que compartilham o mesmo objetivo e a psicologia social trabalha o indivíduo em suas relações no grupo e essas relações no grupo transmitem os aspectos psicológicos de cada um, sendo influenciada, mas, também, influenciando as demais percepções, é de suma importância que todos os aspectos dessas relações calcadas nas subjetividades dos integrantes do grupo possam vir à tona, sendo, pois, a psicologia social, abordagem que se ajusta ao fenômeno que se pretende investigar.

A Psicologia Social surgiu no século XX como uma proposta de pesquisa destinada a abordar a relação do indivíduo com o grupo, a fim de identificar os seus efeitos sobre o comportamento. Essa vertente da Psicologia nasceu no período da Segunda Guerra Mundial, a partir de estudos e pesquisas de campo direcionados às repercussões psicológicas da guerra sobre os soldados recrutados. As correntes, até então majoritárias e marcadamente positivistas, eram voltadas ao estudo do indivíduo enquanto unidade autônoma, destacada do contexto em que atuava. Além disso, a investigação se fundava, eminentemente, em métodos experimentais (Bernardes, 2003).

A Psicologia Social surge, então, como uma proposta voltada ao estudo do indivíduo como ser social. A interdependência das pessoas e a influência recíproca por elas exercida constituem seu foco específico de análise. O objetivo é conhecer o sujeito no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico, como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Entre os principais autores, destaca-se Kurt Lewin (1890-1947) considerado, por muitos, um dos pioneiros no desenvolvimento dessa nova abordagem (Bernardes, 2003).

Os Psicólogos dessa área adotam a concepção de que o homem é produtor da sua própria história e da cultura em que está inserido. Para isso, esses profissionais, em suas práticas, costumam analisar as situações e os vários papéis com que o

indivíduo estabelece suas relações, frente aos vários aspectos envolvidos. Tal como afirma Zanella (2003):

As relações sociais caracterizam-se como palco onde as significações são coletivamente produzidas e particularmente apropriadas. É, pois, nas relações sociais que os homens constituem-se enquanto sujeitos, enquanto capazes de regular a própria conduta e vontade (...)(p. 226)

3.1 Representação Social

Existem inúmeros conceitos desenvolvidos dentro da Psicologia Social os quais, categorizados, são utilizados como instrumental teórico para a prática dos estudos dentro dessa disciplina. Moscovici (1972 em Jodelet 2001) é o criador de um desses conceitos mais importantes, o qual é, hoje, um dos instrumentos mais utilizados na pesquisa dentro da Psicologia Social. Moscovici destaca como objeto precípua da Psicologia Social a ideologia e a comunicação, conforme mencionado Roso(2003), a saber:

Moscovici coloca, com muita convicção e clareza que o objeto central e exclusivo da Psicologia Social deve ser o estudo de tudo aquilo que se refere à ideologia e à Comunicação do ponto de vista da sua estrutura, sua gênese e sua função(Moscovici 1972, em Roso,2003, p 146).

Dentro dessa proposta de Moscovici , o foco procuraremos conhecer a ideologia presente na comunicação das mães em relação aos sentimentos representações , expectativas , ou seja representação do que é ser mãe e a representação que estabelecem com o berçário.

Em meados do século passado, Serge Moscovici elaborou uma pesquisa tendo em vista aprofundar os fenômenos que permeiam o conceito de Representação Social. Na pesquisa, Moscovici investigou qual era a opinião do meio não universitário sobre a Psicanálise. Com o resultado do trabalho, o autor delineou a primeira noção de Representação Social como construção das relações individuais e sociais. (Moscovici em Duveen, 2003).

Nessa ocasião, Moscovici observou que a sociedade transforma informações e incorpora outras no seu cotidiano, através do fenômeno da Representação Social, o qual se manifesta em forma de comportamentos, atitudes, linguagem e símbolos

interiorizados por cada um dos indivíduos que operam as transformações sociais. (Moscovici em Duveen, 2003).

Não obstante, Moscovici ressalta que a assimilação dessas representações são formadas por um indivíduo somente. Elas são criadas e recriadas por um produto da coletividade que ao mesmo tempo em que interioriza a informação, discrimina, modifica e transmite(Moscovici em Duveen, 2003).

Duveen(2003) confirma que o conceito de Moscovici nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim(1895):

....a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos. Nesse contexto, as representações de um objeto social passam por um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do mundo moderno.(Duveen 2003, pg 28).

Diante do exposto, nota-se que a noção e o estudo sobre Representação Social interessam a todas as Ciências Humanas, devido aos fenômenos cognitivos (linguagem, comunicações) envolvidos no processo, assim como processos sociais, culturais, psicológicos. Jodelet(2001) defende que elaborar uma definição exata para a Representação Social seria tender a um reducionismo que impediria o estudo e análise da complexidade dos fenômenos das Ciências Humanas as quais estão envolvidas.

Segundo Moscovici (1961 em Jodelet 2001) , é a partir do caráter da epistemologia popular, com base no senso comum, que se processa a formação da representação social, para a pesquisadora essa teoria representa um grande marco quando coloca conhecimentos de senso comum em uma categoria de investigação científica. Para Moscovici (em Jodelet ,2001):

...o senso comum reelabora e cria imagens referentes aos conhecimentos da vida cotidiana em relação a outras formas de produção de conhecimento e a outros conhecimentos.

Com efeito, nota-se, através de todas as informações acima a respeito desse tema, que as representações estão presentes na vida de cada um e a todo o momento.

O estudo das Representações mostra os fenômenos cognitivos, afetivos, e as atitudes das pessoas em face da realidade como foco de investigação. São, pois, o conjunto objeto de pesquisa em Representação Social que se define em um conjunto

de expectativas, conceitos, códigos culturais implícitos numa comunidade ou um grupo que compartilham os mesmos objetivos o objeto da pesquisa em representação social.

Dessa forma, as expectativas podem ser vistas dentro da Representação Social juntamente com a Psicologia como forma de tentar compreender aspectos subjetivos, motivações, opiniões e comportamentos com respeito a determinada idéia de um grupo específico.

Conforme citaram Oliveira e Werba(2003), estudiosos que contribuíram para a aplicação prática da Representação Social, essas são características desse conceito:

O conceito de Representação Social é versátil e três importantes postulados podem se combinar em seu emprego:

- *É um conceito abrangente que compreende outros conceitos tais como: atitudes, opiniões, imagens, ramos de conhecimento;*
- *Possui poder explanatório: não substitui, mas incorpora outros conceitos, indo mais a fundo na explicação causal dos fenômenos;*
- *O elemento social na teoria das Representações Sociais é algo constitutivo delas, e não uma entidade separada. O social não determina a pessoa, mas é substantivo dela . O ser humano é tomado como essencialmente social.*

Como podemos ver, a teoria das Representações sociais é bastante abrangente e seu conceito dinâmico pode nos ajudar a entender as várias dimensões da realidade quais sejam: a física, a social, a cultural, a cognitiva, e isso tudo de forma objetiva e subjetiva. Essa abertura torna as Representações Sociais um instrumento valioso e imprescindível no campo da Psicologia Social” (pp 107-108)

Com efeito, a Psicologia Social se utiliza muito das Representações Sociais, na medida que compartilham os mesmos pressupostos quando confirmam que o homem e suas relações com o outro e sua subjetividade são coletivamente edificados, e por isso o ser humano é construído socialmente.

Um dos elementos fundamentais e de maior interesse na teoria de representação social é a interligação possível entre cognição, afeto e ação no processo da representação.

Nesse sentido, constitui a representação social ferramenta teórica e de investigação de grande importância no estudo dos processos sociais que envolvem expectativas de grupos referentes a questões relacionadas à separação ou distanciamento.

Assim, pode-se afirmar ser, igualmente, válida essa afirmação no que se refere às expectativas de grupo de mães ao deixarem seus bebês em instituições do tipo berçário, já que, em tais situações, ocorre a separação de fato entre mães e filhos, mesmo que de forma temporária e pontualmente construída nessa ambiente localizado.

3.2 Objetivos

3.2.1 Objetivo geral

Conhecer em relação ao berçário institucional PROMATER, quais são as principais representações que povoam o imaginário das mães que deixam seus filhos pequenos aos cuidados do berçário.

Apontar as representações elaboradas pelas mães quando da colocação dos seus filhos no berçário institucional por ocasião do seu retorno ao trabalho.

3.2.1 Objetivo específico

Conhecer os medos, inseguranças, expectativas e motivações das mães em relação ao berçário. Analisar como se processa o entrelaçamento dos papéis de mãe e de servidora pública.

3.3 Questões de pesquisa

O que pensam as mães quando deixam seus bebês em berçários institucionais? Como as impressões sobre o berçário se refletem nas práticas sociais e de trabalho das genitoras?

4. METODOLOGIA

4.1 A pesquisa qualitativa como método em Psicologia Social

A pesquisa proposta utilizou-se como método de investigação a pesquisa qualitativa, que é, atualmente, muito utilizada dentro das Ciências Sociais. Para a Psicologia Social, esse método tem grande valor, pois potencializa o estudo dos fenômenos observados nessa disciplina, possibilitando uma maior compreensão dos aspectos ligados às motivações e demais subjetividades envolvidas no comportamento humano. Para os pesquisadores, tais subjetividades são fundamentais no processo de interpretação dos fenômenos estudados e, conseqüentemente, das ações dos comportamentos decorrentes, sejam eles individuais ou em grupo. Busca-se, assim, privilegiar a análise explicativa sobre o conhecimento teórico (Minayo, 2003).

4.2 Instrumento de pesquisa

Os dados foram obtidos a partir das interações ocorridas entre entrevistador e entrevistado, consistindo em entrevista semi-aberta, que tem por finalidade obter informações do entrevistado relacionadas a um objetivo específico. Nesse estudo, utilizou-se a entrevista semi-estruturada, que é caracterizada pela antecipação dos temas que serão tratados, sendo as perguntas formulados, segundo o tema escolhido, na hora em que é realizada a entrevista. Neste tipo de entrevista, o entrevistador tem uma participação ativa. Apesar de observar um roteiro, ele pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões para melhor compreender o contexto. (Minayo, 2003)

4.3 Material

Para a coleta dos dados, foi utilizado um gravador portátil, a fim de que se registrassem as respostas de forma literal, bloco de notas e fita.

4.4 Sujeitos

No caso do estudo presente, foram utilizadas como sujeitos de pesquisa quatro mães servidoras, cujos nomes apontados serão fictícios. A primeira entrevista foi

realizada com uma mãe (Maria) que já tem três filhos, sendo que a última filha frequenta o berçário. A entrevistada, que tem quarenta e cinco anos e é companheira por dezoito anos do pai dos seus três filhos, afirmou que todos eles frequentaram berçários ou creches. A segunda mãe (Aline), de 29 anos, é casada há cinco anos e tem apenas um filho.. A terceira mãe (Sueli) tem dois filhos, 32 anos de idade e vive com companheiro há três anos que é o pai do seu segundo filho. A última mãe (Juliana) tem apenas um filho, 29 anos e é casada há um ano. Suas identidades foram preservadas através do uso de nomes fictícios.

4.5 Contexto

O contexto em que se deu a pesquisa foi o ambiente institucional. Ali, as entrevistas foram realizadas de forma individual e em caráter informal com cada mãe, objetivando a que se identificasse, na coleta dos dados, o real significado (representação) para elas do que seria deixar seus bebês no berçário. Para isso, a pesquisa qualitativa foi muito útil no sentido de possibilitar a “audiência” do que as mães têm a dizer sobre esse assunto, explorando toda a subjetividade e incorporando toda a complexidade presentes no fenômeno estudado. As entrevistas foram realizadas durante os momentos de visitas das mães ao berçário e quando elas não estavam amamentando e nem próximas dos bebês. Foram ao todo quatro entrevistas, realizadas com base em metodologia qualitativa, sendo cada uma relacionada a uma mãe específica.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Metodologia de Análise

É preciso destacar que, a despeito de integrar-se nas discussões que envolvem a abordagem coletiva dos comportamentos, notadamente no contexto social, esses comportamentos, apesar de coletivamente tomados, surgem, em primeiro lugar, a partir da subjetividade individual em ação, pois é o indivíduo o construtor e formador das configurações sociais. Assim, é perfeitamente admissível que, para o estudo que aqui se propõe, seja adotada uma metodologia que parte da análise da subjetividade, considerando indivíduos isoladamente tomados, mas socialmente identificados por suas representações. Optou-se pela Hermenêutica Dialética de Minayo (2003), a qual, baseada na metodologia desenvolvida por Habermas, preconiza que, para análise de material de caráter qualitativo, é imprescindível a interpretação, posto que compõem, análise e interpretação, um único e mesmo movimento, que integra a atividade de conhecimento dos dados coletados, constituindo-se, essa metodologia, num conjunto de técnicas que possibilitam maior compreensão da realidade através da participação ativa do pesquisador.

Através dos discursos obtidos por meio da pesquisa qualitativa, levantaremos algumas representações internas, de repercussão social, identificadas acerca do que significa o Berçário PRO MATER para as mães servidoras.

O conteúdo das entrevistas foi relatado de forma descritiva e classificado conforme cortes realizados a partir da consideração de temas específicos que expressam representações diversas. A análise desses dados realiza-se através da interpretação das respostas obtidas, interpretação que se dá, porém, dentro dos parâmetros delineadores da subjetividade contextualizada.

Essa abordagem investiga as relações e as estruturas sociais para descobrir os significados que estão inerentes nas atitudes humanas. A metodologia se baseia nos referenciais teóricos da fenomenológica e da dialética marxista com relação às interpretações dos resultados, considerando, assim, inexistente a separação sujeito/objeto preconizada pelo pensamento científico tradicional. Dessa forma, o pesquisador deve participar, compreender e interpretar os eventos considerando o

objeto em estudo na condição social em que se encontra, pertencente a um determinado grupo e nas relações com ele e com outros indivíduos, enfim, com suas representações sociais, ou seja, com suas crenças, valores e significados, sendo, assim, o objeto um dado de múltiplos significados, todos atribuídos pelo próprio sujeito da investigação.

Todo o estudo desenvolvido na análise das representações sociais das mães acerca do berçário institucional foi realizado com base nessa metodologia.

5.2 Representações do berçário PROMATER dadas pelas mães servidoras

5.2.1 O Berçário representa angústia e sentimento de perda.

Nos discursos, abaixo relatados, fica claro que existe um sofrimento de angústia devido à separação da mãe e do bebê. O sofrimento pode ser resultante da quebra do contato constante e intenso existente entre a mãe e o seu filho durante a simbiose primária existente no período em que a mãe estava de licença-maternidade, momento em que ela cuidava com absoluta prioridade e dedicação do recém-nascido, estabelecendo-se íntimo, estreito e permanente contato entre eles. Esse contato, de natureza física e afetiva, resulta de grande investimento emocional, o qual é rompido, em seus contornos qualitativos, quando se impõe à mãe retornar às suas atividades profissionais, deixando seu bebê aos cuidados de outras pessoas. Essa impressão é revelada nos discursos das mães quando foi questionado sobre como se sentiam em deixar seu filho no berçário. Sobre a questão, assim responderam:

Dá um aperto no coração, ter que separar dela, fico pensando nela quando o meu peito fica fisgando no meu setor....(Maria, 45 anos)

No primeiro dia, eu odiei (encheu os olhos de lágrimas), achei uma sensação horrível, pois era a primeira vez que ele estava se separando de mim. (Aline, 29 anos)

Horrível, por mim ele ficava grudado comigo o tempo inteiro. Sinto um sentimento de perda, acho que posso perder ele a qualquer momento se ele não estiver perto de mim. (Sueli, 32 anos)

A separação pode ser retratada como um sentimento de angústia como se estivesse perdendo propriamente o contato com o bebê. De fato, como confirma Viorst (1990)

... a separação põe fim à doce simbiose. Porque a separação reduz o poder e controle dos pais. Porque a separação os faz sentir menos necessários, menos importantes e porque a separação expõe os filhos ao perigo. (p. 212)

Viorst (1990) também afirma que a separação física é associada diretamente pelos pais como uma separação emocional. Essa situação parece confirmar-se nos relatos dos discursos abaixo, quando foi perguntado, de forma mais insistente, qual sentimento aflorava quando as mães tinham que deixar seus bebês com outras pessoas:

Sinto que ela não vai gostar muito de mim, por que estou me afastando tão cedo dela. (Juliana, 29 anos)
Acho que sinto ciúmes, sabe, quando você acha que aquela pessoa é sua e você não quer dividir com mais ninguém. (Aline, 29 anos)

Possivelmente, as mães temem que os bebês podem vir a gostar mais das cuidadoras do berçário do que delas mesmas. Sentem-se, pois, ameaçadas por todo o conforto, cuidado e dedicação que seus filhos receberão na instituição. Constatamos, assim, a presença de sentimentos conflitantes das mães ao deixarem seus filhos no berçário: ao mesmo tempo em que se sentem inseguras acerca da excelência dos cuidados que serão dispensados aos seus filhos, não acreditando serem tão bons quanto os que elas dispensam, temem que se tais cuidados foram assim tão bons, as crianças poderão gostar mais de suas novas cuidadoras do que delas mesmas.

Tal temor, porém, não se justifica, uma vez que, conforme os estudos já anteriormente comentados sobre a teoria de apego formulada por Bowlby (1969-1990), o primeiro vínculo com a mãe é construído de forma intensa e duradoura e única, marcando, profunda e definitivamente, o bebê, constituindo-se esse apego inicial na matriz que estruturará futuros vínculos, e para o bebê serão formadas as figuras subsidiárias de apego.

Mas, a quebra do contato físico intenso e permanente, pode desencadear fortes emoções decorrentes da separação da mãe e do seu filho, geradas pela dependência e identificação recíproca construídas, em curto espaço de tempo e sem qualquer elemento cognitivo, nessa relação, nos termos da formulação teórica proposta por Winnicott (1989-1999).

5.2.2 Representação do Berçário como um guardador de um presente divino.

Outro aspecto observado na construção da representação das genitoras em relação ao berçário é o sentimento de onipotência e merecimento divinos que elas parecem revestirem-se. Tais sentimentos resultam em uma percepção do berçário como repositório de um verdadeiro presente de Deus, conferindo às mães uma auto-imagem de superioridade em relação a outras mulheres, posto que elas são, nesse imaginário as próprias matrizes geradoras desse presente. Assim, esse elemento caracteriza mais um fator de dificuldade no afastamento das mães dos seus filhos. É o que se constata nos discursos abaixo:

Acho que ser mãe é tudo, é o maior presente que Deus deu para uma mulher. Tem uma passagem na bíblia que diz que Deus nunca vai esquecer dos filhos e vai amá-los assim como a mãe nunca esquece dos seus filhos e os ama.(emocionou-encheu os olhos d'água). .(Aline, 29 anos)

Acho muito bom ser mãe. Acho que Deus escolhe as pessoas para serem mães e é um dom que não é para qualquer um, Deus é que dá o dom para passar toda a sabedoria dele e para educar um ser. Isso eu acho muito importante. Às vezes eu vejo mulheres tentando ter um filho e não conseguem. Eu acho que isso é um merecimento e não é para qualquer uma. Enfim, acho que ser mãe é um ser especial. .(Sueli, 32 anos)

A partir das investigações de Maldonato(2000), podemos refletir que a função materna começou a ganhar reconhecimento na sociedade com a presença dos fundamentos da filosofia Cristã a partir do século XVIII. Podemos então inferir que os fenômenos sociais que organizam as sociedades podem influenciar diretamente nas representações individuais e de grupos sociais. Como afirma Maldonato, quando diz que a forte influência da religião Cristã proporcionou que a figura materna seja associada com a figura de Maria, mãe de Jesus, a virgem que é perfeita em sua figura materna, sendo transmitido o dom de conceber o presente de Deus e ser como Maria para as mulheres que se tornam mães. Isso as coloca em possível sentimento de superioridade em detrimento das outras mulheres. Realmente, quando refletimos o conhecimento de dogmas religiosos, podemos observar que esse tipo de saber se coloca como grande motivador para conduzir e organizar as sociedades, desde os primórdios da história da humanidade até o presente momento Essa representação da

mãe sagrada perpassa até hoje na nossa sociedade, e é vista como um elemento muito importante para aprovações sociais, a mulher-mãe dedicada.

5.2.3 O berçário reforça o sentimento de culpa gerado pela pressão familiar e social.

O fato de colocar o seu bebê no berçário institucional reforça nas mães o sentimento de culpa gerado por cobranças sociais e familiares. Em um mundo preso a costumes, conceitos e pré-conceitos como o nosso, a idéia da maternidade tem um valor muito grande na cultura social, e por isso é repassado, fortemente, pelas gerações familiares como um dever a ser perfeitamente cumprido pelas mulheres, o que se pode perceber pelos discursos a seguir:

Minha mãe cuidou tempo integral de mim , ela teve 15 filhos , mais se dedicou inteiramente para nós. Por mais que a cultura tenha mudado, ela mesmo assim ficou tempo integral com a gente, ela sabia o que a gente estava sentindo só de olhar para nós. O meu marido fala assim: Você trocou sua filha pelo dinheiro(ela sorriu quando falou isso) , mas tem que ser assim, nós mulheres acumulamos muitas funções e não perdemos nenhuma , a gente tem muitas coisas para fazer! (Juliana,29 anos)

Isso parece contribuir para que elas identifiquem a instituição cuidadora, em um primeiro momento, preponderantemente de forma negativa, associando-a aos seus conflitos interiores e creditando, mesmo, a ela parte da angústia que sentem.

5.2.4 Representação do berçário como instituição inábil para a guarda e cuidados dos bebês.

Na medida em que existe uma interação próxima entre a mãe e o bebê, a mãe consegue distinguir alguns comportamentos do seu filho que traduzem algumas de suas necessidades fundamentais, o que faz com que ela desenvolva uma auto-imagem de única intérprete de suas necessidades, fortalecendo sua auto-imagem de protetora e guardiã. Isso faz com que ela se sinta insegura para entregar o recém nascido para a instituição, temendo que o bebê não tenha, ali, os cuidados de que necessita por não ser de fácil ou imediato conhecimento das cuidadoras a forma dele expressar e

manifestar suas necessidades, resultando em sofrimento ou perigo para o bebê. Assume, assim, ser fundamental a sua presença para resguardar o bebê de algum perigo ou carência não suprida.. Conforme no trecho abaixo, quando foi perguntado o que essa angústia significava para ela, foi dito que:

Não sei direito. Assim, quando estou presente eu defendo meu filho, sei o que tipo de choro e pelo seus balbucios, sei quando ele está preso no berço, quando quer mamar, quando quer passear e eu consigo entender, já as outras pessoas não entendem. .(Sueli, 32 anos)

De fato, conforme Maldonato (1990) confirma, existe realmente um conhecimento da mãe sobre o comportamento do bebê que permite que ela acerte, na maioria das vezes, o que significam suas expressões e manifestações. Segundo ela

Da mesma forma que se desenvolve uma sincronia interacional entre mãe e bebê nos primeiros meses de vida, que permite à mãe perceber os mais leves sons emitidos por seu bebê; saber quando seu choro é de sono ou de fome, quando ele está feliz ou com dor; o convívio diário vai gradativamente também permitir-lhe traduzir com grande margem de acerto, o significado de cada gesto ou expressão, o que fortalece sensivelmente a relação...

O que se constata, porém, na prática dos cuidadores acompanhada *in loco*, é que tão logo cheguem ao berçário, rapidamente se estabelece e desenvolve uma comunicação entre a berçarista e o bebê, resultante não apenas da intensidade e frequência desse novo contato, como pela própria experiência dos profissionais envolvidos no manuseio das crianças. Observe-se que, nessa situação, fica patente a presença da figura subsidiária de apego proposta por Bowlby (1969-1990).

5.2.5 Representação do berçário como alternativa adequada para que as mães se realizem plenamente instituição e adequada para guarda e cuidado dos bebês.

Esta é última representação observada durante o desenvolvimento da pesquisa e sua manifestação, pelas mães, se dá como uma forma de conclusão final a que chegaram após o abrandamento das angústias iniciais que constituíram, em boa parte, as representações antes descritas.

Essa representação tem forte influência, talvez, do fato de as mães já não estarem, exclusivamente, cuidando de seus filhos, mas desenvolvendo, também, atividades diversas, inclusive projetos pessoais, os quais auxiliaram a genitora a se

perceber a partir de um contexto mais amplo do que aquele que a levava a assumir-se simples e unicamente como mãe. Além disso, as mães inferem, através dos comportamentos de seus bebês, que eles estão recebendo os cuidados e carinhos de que necessitam, sendo tratados adequadamente no ambiente do berçário institucional. Os discursos, abaixo, confirmam essas impressões:

Eu já estava pensando e para mim não foi difícil , gosto daqui e vejo que ela também gosta, ela fica toda animada quando eu pego o elevador para vim para cá , ela me mostra que foi a decisão certa. .(Maria, 45 anos)

No primeiro dia eu odiei (nesse momento se emocionou), achei que foi uma sensação horrível, pois era a primeira vez que ele estava se separando de mim, mas depois eu achei ótimo , gostei muito por que eu via que ele estava gostando das pessoas que cuidavam dele, ele esticava os braços quando eu chegava aqui, eu também saia para resolver as minhas coisas fora do órgão e via que na volta ele ficava bem , sabe? Ele demonstrava isso direto , então ele me deu esse retorno e eu fui ficando melhor. Até por que eu não cheguei a fazer a adaptação na semana que era para fazer, já entramos direto para ele ficar sem essa etapa. .(Aline, 29 anos)

Porque? (pesquisadora)

Não tive tempo para isso, estava construindo a minha casa. (Aline, 29 anos)

....Acho maravilhoso, aqui tem segurança, profissionalismo. Fiquei com mais vontade de passar para o concurso do órgão quando soube que aqui tinha o berçário. .(Juliana, 29 anos)

Observa-se, pelas respostas acima, que a ampliação de perspectivas resultante do desenvolvimento de outras atividades, além da certeza de que os bebês estão sendo bem tratados , confere um caráter libertário a essa representação, que atua como fator de alívio às apreensões inicialmente veiculadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados da pesquisa qualitativa, percebe-se, claramente, que as representações elaboradas diferem, no que diz respeito ao seu caráter qualitativo, conforme o nível de segurança das mães ao colocarem seus filhos no berçário institucional.

Assim, nos primeiros dias de internação dos bebês, grande parte das representações apresentou um conteúdo marcadamente negativo, tendo sido influenciadas, largamente, pelos medos e inseguranças das mães no que se refere aos cuidados que os seus filhos receberiam no novo ambiente e, também, em face da possibilidade de quebra ou enfraquecimento do vínculo existente entre eles, decorrente dessa “separação”. Tais medos e inseguranças foram reforçados, conforme pôde-se concluir a partir dos discursos analisados, pela cobrança pessoal e social existente quanto aos papéis que deveriam desempenhar na condição de mãe, mulher e profissional.

A verificação de que a qualidade das representações mudou conforme o grau de segurança das mães em relação ao berçário se confirma, também, ao se constatar que, ultrapassados esses primeiros momentos, tendo as mães adquirido maior confiança na colocação de seus filhos no berçário, as representações, a partir daí elaboradas, já apresentavam um caráter mais positivo, resultante da impressão que passaram a ter as mães de que adotaram a melhor alternativa no que se refere à escolha de cuidadores substitutos (Winnicott) ou subsidiários (Bowlby) para seus filhos e que esse acerto foi reconhecido, estes os pontos centrais em questão, os quais são a origem, mesma, de toda a angústia e ansiedade apresentadas nos primeiros momentos da colocação dos bebês.

Assim, os discursos que atestam as representações mais positivas existentes nesse segundo momento revelam que o sucesso da internação dos filhos é avaliado pelas mães e percebido como tal a partir de duas perspectivas distintas, claramente reveladas: a pessoal, em que figuram questões relacionadas a considerações da própria mãe do que seja a maternidade aceitável, cujas impressões decorrem, em sua maioria, de herança cultural, fortemente condicionada pelos valores transgeracionais; e

a social, pela qual a mãe sente que é aprovada pela comunidade no desempenho desse papel, estando, pois, confortável para exercer os outros papéis que lhe cabem.

Constata-se, pois, que a imagem do berçário percebida pelas mães parece surgir e acompanhar as impressões que elas têm de si mesmas ao longo dos momentos nos quais se dá a colocação dos seus bebês, estando bastante relacionada à tensão existente entre os papéis de mãe, de mulher e de profissional que explode em face da primeira separação de fato ocorrida entre elas e os filhos. Dessa forma, as representações sobre si mesmas também influem e modelam as representações elaboradas em relação ao berçário.

Mas, em movimento perfeitamente dialético, enquanto influenciam os elementos representativos da internação, as auto representações das mães são por eles também influenciadas. Assim é que se pôde constatar que, também, os resultados alcançados pela instituição nos cuidados dispensados aos bebês conduzem a uma reelaboração da auto-imagem pelas mães, que, em face desse resultado, passam a perceber-se como mães melhores do que supunham nos primeiros momentos, posto que, conseqüentemente, passam a acreditar que acertaram na escolha dos cuidadores dos seus filhos.

Mas não é apenas a partir da percepção que tem de si mesma que leva à mãe a construir uma imagem do berçário. Outro elemento que atua intensamente sobre essa elaboração é o fato de ser o berçário o instrumento mesmo que levará a cabo a separação da mãe e do seu bebê, gerando sofrimento na mulher e alimentando nela sentimentos ambíguos e pensamentos confusos. A superação dessa representação inicial de ser o berçário o meio pelo qual se dará a separação entre mãe e bebê ocorre, também, quando se confirma, na relação entre mãe e filho, o estabelecimento de um “bom holding” (Winnicott) ou a formação da relação de apego com a figura materna (Bowlby) ou, ainda, quando existe qualidade no vínculo entre o objeto e o sujeito e a dinâmica de dependência e , posteriormente, de independência que se forma na relação materna (Pichon-Rivière).

O berçário, assim, espelha, como instituição cuidadora, muitas desses conflitos, mas, também, encerra o abrandamento dos sentimentos relacionados aos temores e inseguranças próprios da separação e perda do contato freqüente e intenso entre mães

e bebês, já que a instituição conquista a confiança das mães e as libera para o exercício de outras atividades.

Dá-se, assim, nessa sucessão de representações, enredadas em complexa rede de relações recíprocas, o “segundo parto” a que parece submeter-se a mulher: reflete-se no berçário a própria dinâmica dos conflitos, angústias e inseguranças que envolvem a mulher moderna em face dos múltiplos e, muitas vezes, excludentes papéis que por ela se espera sejam desempenhados.

Ao que parece, de fato, cabe à Psicologia Social do papel Construir o bem-estar coletivo, fortalecer a noção da coletividade, contudo sem desconsiderar o indivíduo particular. Transformar a nós mesmos, ao mesmo tempo em que buscamos transformar o "mundo".

O que pudemos observar com essa monografia é que as representações, em muitos momentos, representam desencontros e encontros e que a percepção dessas contradições, talvez seja um dos caminhos para que outras mudanças e crescimento possam ocorrer, possibilitando novas práticas que permeiem a construção da nova sociedade, através da compreensão do movimento das representações que permeiam a relação mãe e bebê e a separação da díade. Portanto, acredita-se, que cabe à Psicologia, uma psicologia crítica e comprometida, buscar compreender o homem na sua inter-relação com os fenômenos sociais, possibilitando ao próprio homem se perceber como sujeito de sua história, como portador de particularidades, desejos, afetos, emoções que se constituem socialmente. Homem passível de mudar a si mesmo, mudar as suas relações sociais e o seu próprio contexto social, diante de novas representações contextualizadas no seu momento presente.

Diante do exposto acima, o papel do profissional de psicologia em sua prática institucional deve ser o de perceber esse movimento, a fim de auxiliar as mães na superação dos conflitos e angústias iniciais decorrentes da separação dos seus bebês, fazendo-as com que as mesmas, através da compreensão desses fenômenos sociais envolvidos, se sintam ativas e reflexivas, e conseqüentemente, fortalecidas.

Também, nesse sentido, é necessário que desenvolva ações que possibilitem às mães perceberem que os papéis de mãe e profissional não são excludentes ou incompatíveis, ou que exercer com competência cada um deles não quer dizer omitir-se

em relação ao outro. Como proposta para o PRO MATER, sugere-se que sejam adotadas medidas que possibilitem a intensificação e frequência do contato das mães com seus filhos para além dos momentos destinados ao aleitamento, propiciando-se segurança e maior tranquilidade para as mães e seus bebês.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Winnicott, D. W. (1999). Tudo começa em Casa. Tradução: Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1989).

Winnicott, D.W.(1980) A família e o desenvolvimento do indivíduo. Tradução: Paulo Sandler Belo Horizonte : Interlivros, 1980. (Originalmente publicado em 1989).

Winnicott, D. W.(2001) A família e o desenvolvimento individual. 2.ed. Tradução: Paulo Sandler .São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1989).

Bowlby, J.(1990) Formação e rompimentos dos laços afetivos. 2.ed. Tradução: Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini .São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1981).

Bowlby, J. (1990) Apego e Perda. 2. ed. Tradução: Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1969).

Bowlby, J.(2001) Cuidados Maternos e Saúde Mental. 4. ed. Tradução: Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1981).

Pichon-Riviére, E.(1998) Teoria do Vínculo. 6 ed . São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1977).

Maldonato, Maria Tereza(2000). Psicologia da gravidez: parto e puerpério. 15. Ed. São Paulo: Saraiva. (Originalmente publicado em 1997).

Maldonato, Maria Tereza; DICKSTEIN, Júlio.(2002) Nós estamos grávidos. 12. Ed. São Paulo: Saraiva. (Originalmente publicado em 1996).

Viorst, J. (1990) Perdas necessárias. 10. ed. Tradução: Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Melhoramentos. (Originalmente publicado em 1986).

Drouet, R. C.(1990) Fundamentos da Educação Pré-escolar. São Paulo: Ática.

Salomon, Délcio Vieira.(1999) Como Fazer uma Monografia. São Paulo: Martins Fontes.

Minayo, Maria Cecília de Souza; DESLANCHES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; NETO, Cruz.(2003). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 22.ed. Petrópolis : Vozes.

Rego, J. D.(2002) Aleitamento Materno. São Paulo: Atheneu.

Werba e Oliveira.(2003)Psicologia Social Contemporânea.:Livro-texto 8. Ed. Vozes.

Jodelet, D. (ORG).(2001). As Representacoes Sociais. Rio De Janeiro: UERJ .

Kahhale, E. M P. (Org)(2002). A Diversidade Da Psicologia: Uma Construção Teórica. Sao Paulo : Cortez .

8. Anexo: Entrevistas com as mães

Mãe: Maria

E: O que é ser mãe para você?

M Resposta 1: É tudo, apesar de dizerem que estou acabada , acho que valeu a pena está assim. Acho que é um presente de Deus.

E: Como você se sente tendo que deixar o seu bebê aqui?

M Resposta 2: Dar um aperto no coração , ter que separar dela, fico pensando nela quando o meu peito fica fígando(enchendo) no meu setor, mas eu não posso perder tempo, o tempo corre e quando a gente ver tem um monte de tarefas para fazer..

E: Como assim?

M Resposta 3: Antigamente a gente tinha um tempo mais livre , hoje a gente tem que trabalhar e não dar para ficar exclusivamente por conta só do bebê. A mesma coisa é quando você teve que separar do seu bebê quando você teve que fazer o estágio e estudar, acho que você sabe que é ruim, mas temos que fazer isso.É realmente é difícil, mas para cada um o sentimento é único.

No momento de silêncio , ela acrescentou:

Eu não saio para nenhum lugar , quando eu vou para algum casamento ou evento social que preciso ir , fico pensando neles e em como eles estão , fico preocupada.

E: Você acha que se pudesse escolher, quanto tempo vc daria de licença para poder ficar com ela?

M Resposta 4: Acho que quatro meses muito pouco, acho não é suficiente, acho que deveria ser um ano.

E: Mas você gostaria de ficar um ano exclusivamente por conta de cuidar e ficar perto dela?

M Resposta 5: Não. Acho que eu não gostaria. Sabe , eu não sou muito de colocar o as coisas para fora, sou mais calada, será que estou te ajudando?

Claro que está , não tem problema , apenas fale sem pensar muito e não precisa dizer palavras complexas , nem definições, apenas fale o que quiser.

E: Como foi que você tomou essa decisão de coloca-la aqui?

M Resposta 6: Eu já estava pensando e para mim não foi difícil , gosto daqui e vejo que ela também gosta, ela fica toda animada quando eu pego o elevador para vim para cá , ela me mostra que foi a decisão certa. Para mim não foi uma coisa muito complicada, já tive outros filhos e foi tranquilo, nem pensei muito. Acho que ela está bem e eu também.

E: Você é feliz?

M Resposta 7: Acho que sou, não sei.

A segunda entrevista foi realizada com uma mãe que é casada por cinco anos e tem apenas um filho. Tem vinte e nove anos.

Mãe: Aline

E: O que é ser mãe para você ?

A Resposta 1: Acho que ser mãe é tudo, é o maior presente que Deus deu para uma mulher. Tem uma passagem na bíblia que diz que Deus nunca vai esquecer dos filhos e vai amá-los assim como a mãe nunca esquece dos seus filhos e os ama. (emocionou), sempre achei essa passagem muito bonita e até mesmo antes de pensar em ter um filho. Acho que é tudo de bom. Eu até fiz uma carta para ele, dizendo que estou adorando tanto que já quero ter outro logo, quero ter mais uns dois.

E: Não tem nada que você ache que atrapalhe na sua vida, depois de ter o filho?

A Resposta 2: Acho que não, quer dizer antes eu dormia muito, todo final de semana eu dormia depois do almoço , hoje eu não durmo mais, mas acho que isso é o de menos, não me atrapalha.

E: Como você se sente tendo que deixar o seu bebê aqui?

A Resposta 3: No primeiro dia eu odiei (nesse momento se emocionou), achei que foi uma sensação horrível, pois era a primeira vez que ele estava se separando de mim, mas depois eu achei ótimo , gostei muito por que eu via que ele estava gostando das pessoas que cuidavam dele, ele esticava os braços quando eu chegava aqui, eu também saía para resolver as minhas coisas fora do TCU e via que na volta ele ficava bem , sabe? Ele demonstrava isso direto , então ele me deu esse retorno e eu fui ficando melhor. Até por que eu não cheguei a fazer a adaptação na semana que era para fazer, já entramos direto para ele ficar sem essa etapa.

E: Porque?

A Resposta 4: Não tive tempo para isso, estava construindo a minha casa.

Olha, apesar de eu não de não ter esse período de adaptação , ele se saiu muito bem até por que eu estou direto aqui , toda hora e amamentando , quase toda hora eu vinha aqui , saber como ele está e eu fico mais perto dele. Até por que ele não foi um bebê que se adaptou muito bem, ele chorava muito e eu fiquei presente nesse momento.

E: Qual é o sentimento que você sentiu em ter que deixar ele aqui?

A Resposta 5: Como eu te falei eu odiei no começo , depois eu achei ótimo.

E: Como foi esse sentimento horrível?

A Resposta 6: Acho que era ciúmes, sabe quando você acha que aquela pessoa é sua e não quer dividir com ninguém, fiquei com o coração apertado , não fiquei em nenhum momento com medo ou insegura se alguém vai maltratar ou deixar chorando, mas o sentimento é de ciúmes mesmo, mas depois que eu pensei, orei e não senti mais isso.

E: Você acha que se pudesse escolher, quanto tempo vc daria de licença para poder ficar com ele?

A Resposta 7: Acho que uns seis meses, já que o Ministério da Saúde defende que o aleitamento exclusivo até os seis meses , então a mãe deveria ficar de licença até os seis meses.

E: E você cuidaria exclusivamente até os seis meses ?

A Resposta 8: Sim, cuidaria e ficaria feliz.

Já a terceira entrevista foi realizada com uma mãe que já tem dois filhos, tem trinta e dois anos e é companheira do pai do seu último filho já por três anos.

Mãe: Sueli

E: O que é ser mãe para você ?

S Resposta 1: Acho muito bom ser mãe, acho que Deus escolhe as pessoas para serem mães e é um dom que não é para qualquer um, Deus é que dar o dom para passar toda sabedoria para educar um ser, isso eu acho muito importante, as vezes eu vejo mulheres tentando ter um filho e não consegue, eu acho que isso é um merecimento e não é para qualquer um. Acho que a mãe é um ser especial.

E: Como você se sente tendo que deixar o seu bebê aqui?

S- Resposta 2: Acho muito bom, pelo menos a gente não tem que deixar os nossos filhos dependendo da empregada, acho bom por que ele fica pertinho de mim e eu posso está amamentando, com o outro filho eu já não tive isso e senti o quanto faz diferença, pois toda

hora eu fico pensando nele no meu setor e aí eu venho para cá quando fico com muita saudade.

E: E a separação de você com ele?

S- Resposta 3: Horrível, por mim ele ficava grudado comigo o tempo inteiro. Sinto um sentimento de perda, acho que posso perder ele a qualquer momento se ele não estiver perto de mim. Acho que vai ser ruim para mim, por que sinto falta dele , mas para ele vai ser bom por que ele vai ter que aprender a se defender do mundo e das pessoas. Afinal a gente tem que criar o filho para o mundo e não para a gente.

E: O que mais?

S- Resposta 4: Também sinto culpa , penso direto nele , não só quando ele está aqui , mas quando eu vou para outros lugares, um supermercado, festa, fico direto pensando nele. Eu não consigo me divertir quero chegar logo em casa. Quero ficar com eles dois, mas o bebê é por que ele não sabe se defender , já o mais velho que tem 5 anos, ele sabe falar o que está acontecendo, já o outro não pode.

E: Você pode explicar melhor ?

S- Resposta 5: Não sei direito. Assim, quando estou presente eu defendo meu filho, sei o tipo de choro e pelo seus balbucio, sei quando ele está preso no berço , quando quer mamar, quando quer passear e eu consigo entender, já as outras pessoas não entendem.

E: Você acha que se pudesse escolher, quanto tempo vc daria de licença para poder ficar com ele?

S- Resposta 6: Acho que daria um tempo de dois anos de licença, exclusivamente para cuidar dele.

E: E você viveria esse tempo em função dele ? Não se incomodaria?

S- Resposta 7: Não de forma nenhuma, queria viver dois anos apenas sendo mãe, mas não cuidaria apenas de um e deixaria o outro na mão , teria que ser dos dois filhos, caso contrário , não ia querer.

E: E você não se incomodaria com outros aspectos da sua vida?

S- Resposta 8: Não, viveria para eles, depois eu recomençaria e continuaria outros projetos depois dos dois anos. No começo do meu primeiro casamento eu não queria de jeito nenhum, acho que era muito trabalho e como eu cuidava dos meus sobrinhos , achava uma trabalhadeira, dizia que não queria, mas depois eu fui ficando com vontade e fiz um

planejamento e , principalmente, depois que eu tive os meus filhos, percebi o quanto de força “materna” que eu tive, gosto muito de ser mãe e acho isso a coisa mais importante da minha vida.

E por último, a quarta entrevista foi realizada com uma mãe que tem um filho. Tem vinte e nove anos e é casada há um ano com o pai do seu filho.

Mãe: Juliana

E: O que é ser mãe para você ?

J Resposta 1: Acho que não sei , é engraçado isso que estou falando, mas não sei. Acho que aumenta a responsabilidade da pessoa em tudo, a vida de uma pessoa depende mim, não sei se é instinto , acredito que é. A saúde dela depende de mim, teve um dia que ela adoeceu, teve um caroçinhos no pescoço eu fiquei me sentindo um pouco culpada, assim, será que eu poderia fazer mais alguma coisa por ela?. Quando engravidei não me sentia mãe, nem quando ela nasceu, mais depois fui me completando parece que é um jogo de quebra-cabeça , sabe? As coisas vão se encaixando , eu acho que só vou achar mesmo o que é mãe depois quando ela crescer.

E: Como você se sente tendo que deixar o seu bebê aqui?

J Resposta 2 : Sinto que ela não vai gostar muito de mim , por que estou me afastando dela tão cedo. Minha mãe cuidou tempo integral de mim , ela teve 15 filhos , mais se dedicou inteiramente para nós. Por mais que a cultura tenha mudado, ela mesmo assim ficou tempo integral com a gente. O meu marido fala assim: Você trocou sua filha pelo dinheiro(ela sorriu quando falou isso) , mas tem que ser assim, nós mulheres acumulamos muitas funções e não perdemos nenhuma , a gente tem muitas coisas para fazer! Mas por outro lado acho que os homens pensaram assim: Há , então vocês querem independência , então vocês vão ver o que é fazer isso e mais o que vocês fazem! Pelo menos nós ganhamos independência econômica e liberdade de não engolir algumas coisas que nós engolíamos quando éramos dependente, como: infidelidade e violência doméstica.

E: E deixar seu bebê aqui , no berçário?

J Resposta 3: Acho maravilhoso, aqui tem segurança, profissionalismo. Fiquei com mais vontade de passar para o concurso do TCU, quando soube que aqui tinha o berçário.

E: E o sentimento nesse momento....?

J Resposta 4: Sinto sensação de abandono, pena dela. Afinal, sou toda para ela, nunca fico irritada com seu choro ou nada que ela faça , já os outros eu fico preocupada , não é por que não são confiáveis, é por que sou eu a mãe. Lembro da minha mãe me cobrindo enquanto eu estava dormindo para afastar as muriçocas, ela cuidava e olhava para ver se não tinha nada, a mãe tem essa iniciativa de cuidar toda hora. Eu ouvi uma frase um dia e ficou na minha cabeça, que a mãe perdoa tudo que os filhos fazem e dão presentes materiais ou são permissivas por que não podem cuidar deles e fica tentando compensar, eu não quero ser assim com a minha filha.

E: Você acha que se pudesse escolher, quanto tempo você daria de licença para poder ficar com ele?

J Resposta 5 Seis meses , acho que é o tempo que o bebê começa a ver o mundo externo e ver outras coisas ao seu redor, acho que o bebê precisa só amamentar e apenas com quatro meses não acho que é possível a gente só amamentar saindo para trabalhar. Engraçado , eu estou lembrando da minha irmã dizendo que eu parecia um peito ambulante , por que até os dois meses ela mamava a hora que queria, depois foi regulando mais os horários.

E: E você viveria esse tempo em função dele ? Não se incomodaria?

J Resposta 6: Não mesmo

E: E você não se incomodaria ou não se incomodou com outros aspectos da sua vida que mudaram , se mudaram?

J Resposta 7: Não acho que até me ajudou, antes eu era taxada como desorganizada, agora sou muito organizada com as coisas dela e passo toda as roupas dela e as gavetas das fraldas são impecáveis. Sempre fui dorminhoca, no começo fiquei cansada e estressada , agora já me acostumei.

E: Mas você gosta de não dormir mais?

J Resposta 8: Acho que a gente tem que olhar a vida com olhos mais positivos, hoje me estou ótima e já nem sinto falta.

E: Você é feliz?

J Resposta 9: Sou. Se felicidade é isso! Queria ter um filho por muito tempo, enquanto estava namorando sempre achava que estava grávida. Há , tem outro aspecto que me incomodou só que acho que não me atrapalha como mãe é o fato de eu não estou acompanhando mais o meu marido como antes, eu ia para todo lugar com ele, agora já não

vou mais devido a bebê. Fico irritada quando ele demora quando ele vai sair com os amigos.

E: Você tem ciúmes?

J Resposta 10: Tenho, acho que fiquei um pouco insegura, sabe? Seu corpo não é mais o mesmo.

J Pergunta para entrevistadora: Você é mãe?

E: Sim sou, eu já passei por isso.

J Resposta 11: Então você sabe. A gente fica insegura com o nosso corpo, pensa que o marido está olhando para as meninas com o corpo bonito por que a gente já não tem mais esse corpinho.

E: Mais isso atrapalha se mãe para você?

J Resposta 12 : De maneira nenhuma, só penso nisso quando vou dormir, de dia nem lembro. Outra coisa que sinto falta é da minha família, queria que minha mãe estivesse aqui para poder me ajudar e me apoiar, me sentia mais segura com ela. Ela entende tudo de criança, criou 15 e tem uma segurança e habilidade de cuidar das crianças, mas ela tem 70 anos e já está cansada.